

## NEGRAS BAIANAS

**A** negra baiana ou simplesmente a "baiana", como é vulgarmente mais conhecida, é figura das mais características da pitoresca e tradicional capital do Estado da Baía — a cidade do Salvador, dentre os diversos tipos humanos lá ocorrentes, desde o elemento branco até o negro puro, através dos vários graus de mestiçagem.

Sua origem é africana, como africanos eram todos os negros que vieram povoar a nossa terra. É difícil determinar com precisão quais as "nações" do Continente Negro, introduzidas no Brasil pelo tráfico negroiro. O critério cultural permite-nos, porém, saber, deste ponto de vista, qual elemento afro predominante na Baía. Aí aportaram indivíduos pertencentes predominantemente ao grande grupo cultural sudanês, com grande influência maometana, a qual é refletida na religião e no vestuário. Deste grupo sudanês faz parte a preta baiana, cujo traço mais característico é sem dúvida a indumentária — composta principalmente do turbante muçulmano, compridas e largas saias, vistosos chales e mantas listadas lembrando o traje marroquino — de indiscutível origem islâmica. "Na indumentária da escrava baiana", escreve Pedro Calmon, "ficou, característico, o traço bérbere. O turbante e o chale da baiana recordam-lhe as populações muçulmanas do Sudão". Confirmando-lhe a procedência sudanesa Gilberto Freire, acrescenta: "São em geral pretalhonas de elevada estatura — essas negras que é costume chamar de baianas. Heráldicas. Aristocráticas. A elevada estatura é aliás um característico sudanês, que convém salientar".

É pelo vestuário que a baiana se tem celebrizado, sugerindo belas fantasias para os folguedos carnavalescos; seu turbante, pelo arranjo original já entrou na moda feminina.

A graciosidade e faceirice brejeira que possuem quando moças, exteriorizadas pelos requebros da sua coreografia bárbara nos batuques dos "candombés", bem como o gosto pela música e canto, tem servido de motivo para inúmeras composições musicais populares. Dá a sua influência enorme no folclore nacional.

Nas grandes festas do catolicismo (que adotaram, apesar de originariamente fetichistas, por meio de curioso sincretismo religioso), principalmente nas tradicionais procissões e romarias do Senhor do Bonfim, ostentam uma indumentária riquíssima e extremamente complicada pela variedade enorme de peças e multiplicidade de adereços. Nesses dias exibem saias de beca plissadas a mão; batas rendadas; "camisas de tecido finíssimo, primorosamente bordadas"; compridos chales multicores de pano da Costa. "Por cima das muitas saias de baixo, de linho alvo" (gastam cerca de dezesseis metros de fazenda na confecção das mesmas), "a saia nobre, adamscada, de cores vivas". Na cabeça, "torsos de seda" (a rodilha ou turbante muçulmano) "de górgora preto", tecido branco ou de cores gritantes; "chinelinhas de veludo, lavoradas a canutilho de ouro" na ponta do pé. Quanto aos adereços e pingentes trazem atravessados nas orelhas argóles de ouro; no pescoço, colares de contas brilhantes, de missangas, de búbios, com a indispensável e mística figa de Guiné, amuleto contra o "mau olhado"; nos dedos, nos pulsos, nos braços, "até quase nos cotovelos... uma profusão incrível de jóias custosas. Além do molho volumoso de barangandans — berloques, tetéias, bugingangas de ouro, de prata, de azeviche... — pendurado à cintura", como descreve Silva Campos.

É realmente uma figura bizarra e pictórica. Na gravura vemo-la, no desempenho da sua atividade principal: o comércio de quitutes. Sentada diante do seu taboleiro transportável, é encontrada vendendo os seus preparados saborosos, feitos segundo a receita africana que trouxe da terra natal ou lhe foi transmitida pelas gerações: guloseimas, nas quais a pimenta e o azeite de dendê são os condimentos mais frequentes. O acaragê e o abará figuram, no taboleiro, como pratos principais, seguidos do vatapá, do carurú, da cangica, do tutú, do cuscús, etc. etc. Doceiras exímias, aí também são encontrados a cocada, o pé de molque, o doce de gengibre, etc., etc. sem esquecer o bolinho de tapioca assado na grelha, ao lado do taboleiro.

A baiana nem sempre foi assim livre, independente, alegre e jovial, tal como a apresentamos. Ela tem uma longa e triste história; a adversidade somente há meio século deixou de a acompanhar com o seu cortejo de amarguras. Sua raça, seus hábitos e costumes, sua indumentária e atividades nos evocam o sombrio e doloroso episódio da colonização — a escravidão negra.

Com a Abolição passou de vez da senzala para a casa-grande, onde então continuou a exercer tão somente os misteres maternais de ama de leite, de segunda mãe dos filhos do senhor de engenho.

Com a gradativa transformação dos nossos costumes familiares, a velha mucama "veio para a rua", onde, gozando a liberdade "embora tardia" que lhe fôra dada, passou a viver por conta própria, ganhando a vida, independente, a meçar deante do clássico taboleiro os saborosos quitutes e guloseimas. Antes mesmo da libertação, conseguida a carta de alforria, já se dedicava a esse gênero de vida autônoma, quando não preferia, mesmo fôrta, trabalhar para o antigo senhor, o que acontecia na maioria das vezes.

Quando na casa-grande, influiu bastante nos costumes da família baiana, ora introduzindo na sua culinária pratos africanos, ora assistindo, desde o berço à formação dos novos membros da grande família patriarcal e ora atendendo a mil reclamos diversos como serva solícita.

Hoje em dia, a popular negra baiana, é uma sobrevivência da carinhosa mãe preta, da prestimosa e utilíssima ama de leite, dos nossos pais e avós.

